

“Tapa de amor não dói!”

Provérbio popular

“Se te agarro com outro te mato!
Te mando algumas flores e depois escapo..”

Cacho Castaña / Sidney Magal

“E Deus disse também à mulher: multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio.”

Gênesis

“Em briga de marido e mulher não se mete a colher.”

Provérbio popular

“6,8 milhões das brasileiras vivas já foram espancadas ao menos uma vez na vida. Uma a cada 15 segundos. Os agressores comumente citados são o ex-marido, o ex-companheiro e o ex-namorado, que somados ao marido ou parceiro constituem sólida maioria.”

Dados da Fundação Perseu Abramo

Ficha técnica:

Roteiro: Fernanda Azevedo e Fernando Kinas | Direção geral, espaço cênico e iluminação: Fernando Kinas | Elenco: Mônica Rodrigues e Fernanda Azevedo | Direção musical e música ao vivo: Eduardo Contrera | Assistência de direção e produção: Luiz Nunes | Pesquisa e tratamento de imagem: Fernando Kinas (colaboração de Gavin Adams) | Figurino: Fernanda Azevedo | Operação de luz: Fábio Ferreti | Programação visual: Paulo Emílio Buarque Ferreira | Produção: Kiwi Companhia de Teatro/ Cooperativa Paulista de Teatro (2011/2012) | www.kiwiciadeteatro.com.br

realização:

SESC
sescsp.org.br

produção:



apoio:



SESC Santo Amaro
Rua Amador Bueno, 505
Tel: 5541- 4000
email@santoamaro.sescsp.org.br



trabalho cênico

CARMINE

POR UMA VIDA JUSTA E FELIZ, COM AUTONOMIA E SEM VIOLÊNCIA

Existe um profundo desequilíbrio entre homens e mulheres nas sociedades atuais. Os exemplos são numerosos: é comum as mulheres receberem salários inferiores aos dos homens para as mesmas funções; elas são vítimas de violências físicas e psicológicas (assassinatos, espancamentos, estupros, humilhações) pelo simples fato de serem mulheres; na divisão das tarefas sociais geralmente são destinadas às mulheres funções de limpeza (na casa e no trabalho) e de cuidados (sobretudo com crianças, idosos e doentes); é frequente o tratamento sexista nos meios de comunicação, em particular na publicidade, mostrando a mulher como objeto de consumo masculino; nossa legislação é arcaica, impondo ideias como a de maternidade compulsória; o número de creches é insuficiente, confinando as mulheres ainda mais ao lar; a livre orientação sexual não é respeitada e preconceitos são tolerados, ou mesmo estimulados; muitas mulheres cumprem jornadas duplas de trabalho; mulheres em cargos políticos e de comando são exceções, no Congresso Nacional, por exemplo, elas representam apenas 10%.

O trabalho que estamos apresentando procura discutir esta grave situação, revelando os mecanismos sociais que produzem e justificam a opressão sofrida pelas mulheres (estes mecanismos podem ser resumidos em uma palavra: patriarcado). No entanto, este debate ganha todo o seu sentido quando se compreende o contexto geral da exploração de classe exercida sobre a maioria da população. O regime patriarcal e o regime do capital andam de mãos dadas. Iniciativas como o Estatuto do Nascituro, as tentativas de mudança da Lei Maria da Penha e os ataques ao Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) confirmam a existência de uma aliança entre os setores mais conservadores da sociedade, entre os quais estão militares, grandes empresários de comunicação, ruralistas e religiosos. Este pacto de interesses, que tenta fabricar verdades e impor consensos, tem sido fonte de misérias e desigualdades de todo tipo.

Nestes anos em que estamos lidando com as questões de gênero, estabelecemos inúmeras parcerias com movimentos sociais e organizações populares. São elas que indicam que não estamos falando no vazio. Nosso público prioritário são

as pessoas que “sentem na carne” a realidade e a dor dos temas apresentados. Para falar destas difíceis questões, fomos atrás de estatísticas, trechos de romance, depoimentos, análises sociológicas, canções populares, imagens publicitárias, provérbios populares, filmes documentários, obras e instalações de arte, matérias de jornal... além de usar uma rica tradição que vem do teatro político. Talvez não seja o tipo de peça que alguns imaginam, mas uma das funções da arte pode ser, justamente, fazer as pessoas verem o que ainda não foi visto e pensarem o impensável.

Ao afirmar a liberdade, a justiça e a autonomia, nós recusamos todo fatalismo (“Ah, isso sempre foi assim”), todos os preconceitos (de raça/etnia, de classe, de orientação sexual) e todas as formas de violência impostas às mulheres. É uma proposta de reflexão coletiva, usando os recursos que a arte e o humor nos oferecem. Nesta proposta a sociedade aparece como o resultado da ação de homens e mulheres, e que pode, portanto, ser transformada por estes mesmos homens e mulheres.

Kiwi Companhia de Teatro

